

## PROGRAMA

Os nossos livros são, em geral, feios. E os mais feios de todos são os que aparecem com pretensão a edições de luxo. Poucas se salvam, na verdade. E, por isso, uma alegria contar que a Livraria Turista, da Bahia, está distribuindo a Coleção Recôncavo, uns cadernos simples, de vinte e poucas páginas, que são modelos de bom gosto. A Coleção nos promete nove cadernos, dos quais já saíram dois, um sobre a pesca do xaréu, outro sobre o jôgo da capoeira. Os outros serão sobre Pelourinho, Feira de Agua dos Meninos, Conceição da Praia, Festa de Yemanjá, Rampa do Mercado, e Temas de Candomblé. A Coleção é organizada por K. Paulo Hebeisen; os dois primeiros volumes são ilustrados pelo argentino Carybé, que é certamente o responsável por essa elegância gráfica e que escreveu também o texto de "Jôgo de Capoeira". Um texto ao mesmo tempo saboroso e preciso, pequeno e rico, em que êle concentra sua longa experiência dessa luta que virou dança; e os desenhos são excelentes, a começar pelo que vem na capa.

Recebi os cadernos, Carybé, e vou mandar hoje mesmo os que são para Inês e Marino. Não escrevo para você porque mal tenho tempo de bater esta crônica. Imagine que Helena Ferraz (Alvaro Armando) a quem muito prezo e admiro me pede para hoje que responda à pergunta de uma revista sobre "como começa o amor". Helena tenha paciência, mas não vou responder. Mesmo porque a gente não sabe quando começa o amor; apenas chega um momento em que se descobre ou desconfia que a situação é grave. Eu por mim sinto às vezes a impressão de um leve sóco na nuca, um vago apêto na garganta; um amigo meu diz que está liquidado, quando sente uma vontade incoerível de dizer "meu bem"; e como é tímido não chega a dizer, apenas murmura.

Mas o importante, dona Helena, não é saber como o amor começa, e sim como êle acaba. Nisso tudo é mistério, e só há uma certeza terrivelmente melancólica, mas docemente consoladora: êle acaba. Enfim, não sei. Meu sistema pessoal, quando amo ou desamo, é viajar. Para as grandes paixões recomendo longas viagens de trem, em território de muita poeira. Mudar de cidade é sempre salutar; nos casos benignos basta mudar de bairro, ou de buteco.

De resto, essas coisas não me afligem; sou um forte.

Agora mesmo estou em plena luta: programei para agosto, como começo de conversa, uma viagem ao Território do Acre, outra a Capri. A coisa passará; mais umas vinte ou trinta voladas desse tipo e dentro de cinco anos tenho a certeza de que já me sentirei bem melhor; caso contrário, iniciarei um novo plano quinquenal, com maior energia. Adeus.

29/7/51 R. B.

488